

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

23 de Setembro de 2021

O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

LE CIEL EST À VOUS / 1943

Um filme de Jean Grémillon

Argumento: Albert Valentin, com adaptação e diálogos de Charles Spaak / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Louis Page / *Cenários:* Max Douy / *Música:* Roland Manuel, sob a direcção de Roger Desormière, e trechos de Liszt, Chopin e Schubert / *Montagem:* Louise Hauteceur / *Som:* Jean Putel / *Interpretação:* Madeleine Renaud (*Therèse*), Charles Vanel (*Pierre*), Jean Debucourt (*Larcher, o professor de piano*), Raymonde Vernay (*a mãe de Madeleine*), Anne-Marie Labaye (*Jacqueline, a filha do casal*), Léonce Cornet (*Dr. Maulette*), Albert Rémy (*Marcel*), Raoul Marco (*Noblet*).

Produção: Raoul Ploquin, para a UFA / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia mundial:* Paris (cinemas Madeleine e Lord Byron), 2 de Fevereiro de 1944 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca a 25 de Outubro de 1997, no âmbito do ciclo "Forças e Fraquezas da Família".*

*... deitar no chão e possuir a terra
E possuir o céu quando a terra me cansa.
Carlos Drummond de Andrade*

Le Ciel est à Vous ocupa um lugar especial para os admiradores de Jean Grémillon, pelo menos desde algumas das primeiras tentativas de dar ao cineasta o seu devido valor. É o seu canto mais secreto, com uma sedução menos imediata do que **Gueule d'Amour** e **L'Étrange Monsieur Victor**, menos estranho do que **Pattes Blanches**. Um filme muito mais complexo do que parece, cujos "heróis não são imaginários", como indica o pré-genérico. Com um nível de significação visível e um oculto, **Le Ciel est à Vous** contém dois filmes: metaforicamente, é um filme do céu e da terra.

Le Ciel est à Vous foi realizado em plena ocupação da França pela Alemanha nazi, no Verão de 1943 e é simultaneamente um canto de amor (um amor maduro, vivido no quotidiano) e um hino secreto à luta, ao esforço. O filme começa com a imagem de um grupo de órfãos (e a França ocupada, espezinhada, não está órfã?) e aborda os temas do esforço e da solidariedade, que se alargam para a conquista do impossível, do inatingível. O título é uma mensagem cifrada aos espectadores franceses de 1943: o céu (não o das religiões, mas o céu "palpável", atingível por máquinas) é vosso, pois é possível, como diz Vanel no seu atrapalhado discurso final, "ganhar o céu dos heróis". No entanto, como *cada um tem as suas razões*, segunda a célebre réplica de **A Regra do Jogo**, à época o filme também foi elogiado pela crítica pétainista, por mostrar "a vida verídica de um casal de operários franceses, pessoas simples, bem nossas, que existem em milhões de exemplares e fazem, com os artesãos e os camponeses, o essencial da raça francesa" (Frédéric Arnaud), enquanto o jornal comunista clandestino *Les Lettres Françaises* opôs "os personagens amorais e corruptos que desonram, em **Le Corbeau**, uma das nossas cidades de província, aos personagens de **Le Ciel est à Vous** (...) nos quais encontramos uma verdade nacional que não quer e não pode morrer". Mas Grémillon não quis fazer uma obra circunstancial e por isto este filme da dualidade ultrapassa a simples atualidade da França de 1943. É ao mesmo tempo uma obra temporal e intemporal, francesa e universal, em que se opõem o dia e a noite, o dinamismo e o imobilismo, a casa e o mundo, banais sonhos de felicidade e os sonhos impossíveis. Todos estes aspectos convergem e se unem na cena final, que resolve todas as contradições, quando Therèse é aclamada como heroína e reintegra a sua família. Mas o desenlace feliz é incerto, pois no último plano voltamos a ver o grupo de órfãos, que canta a sua triste canção.

É esta convergência entre ambições e sentidos contraditórios que dá a **Le Ciel est à Vous** um lugar especial para os admiradores do realizador, que conseguiu dar forma às suas complexas ideias. Um filme da mesma época e com ambições análogas, como **Premier de Cordée**, de Louis Daquin, não atinge este equilíbrio, esta harmonia. O realismo é apenas um dos aspectos de **Le Ciel est à Vous**, não o esgota e os seus aspectos alegóricos nunca se separam de uma expressão dramática palpável. Grémillon está longe daquilo a que chamava "*naturalismo mecânico*" e mais longe ainda do pretensioso simbolismo de um filme como **Les Visiteurs du Soir**, de Marcel Carné, realizado à mesma época. A história da família Gautier é a de uma perpétua transformação, da primeira à última sequência. Da primeira vez que os vemos estão de mudança para uma nova casa e a esta mudança seguem-se outras, através de uma série de elipses, pontuadas por *fondus*: mudança social, quando investem todas as suas forças no bem-estar material; mudança do funcionamento familiar, quando o marido entrega-se ao *hobby* da aviação, logo seguido pela mulher, que antes o quisera impedir de voar ("*Pierre, nunca mais hei-de te impedir de voar*"); mudança de estatuto diante da sociedade, quando passam a ser vistos como excêntricos inconscientes e que atinge o seu ponto culminante quando Pierre é acusado pela comunidade de ser o responsável pela morte da mulher, até à súbita reviravolta, quando ele enfrenta a multidão irada e chega a notícia do triunfo de Thérèse: temos aí um dos mais belos planos do filme, o rosto de Charles Vanel, isolado da multidão, habitado por violentas emoções contraditórias, que se esvai num *fondus*. E é este triunfo que metamorfoseia em heróis da comunidade o casal que "alcançou o céu".

Como de costume no cinema de Grémillon, a banda sonora é densa e complexa, rica de sentido e nada espalhafatosa: há cantos, sinos, diversas sonoridades de ventos (para criar um ambiente, não para impressionar o espectador) e há a música, sonho de felicidade da filha do casal, que os dois heróis egoistamente tolhem (o diálogo entre os dois pianos é o momento de graça da personagem da filha). Note-se que o professor de música, espécie de *alter ego* do realizador, é o único membro da comunidade que aprova o sonho de voar. Contrariamente ao que afirmam alguns dos seus admiradores, Grémillon não recusa a beleza das vedetas nos seus filmes, pois alguns dos seus melhores trabalhos foram feitos com vedetas cuja beleza é cinematograficamente idealizada, como Jean Gabin, Michèle Morgan ou Mireille Balin. Mas para esta história de "*pequenos artesãos de província, herdeiros de seculares tradições populares*" (Geneviève Sellier, no seu *Jean Grémillon – le Cinéma est à Vous*), Grémillon escolheu dois atores célebres porém cujo físico é absolutamente banal, para melhor sublinhar a grandeza do seu gesto. E não foi (apenas) por falta de meios que banuiu do filme qualquer sequência aérea espectacular: nunca estamos dentro do avião com os pilotos, nunca vemos as nuvens, o céu ou a terra vista de longe, nunca ouvimos o ruído dos motores, estamos sempre com os que não voam, estamos em terra e na terra. Grémillon não se interessa pelo fetichismo da máquina ou da técnica de aviação e sim pela conquista do céu na terra. Estamos longe da mitologia do sacrifício romântico que percorre tantos filmes de aviação, como os de Hawks e algumas canções francesas dos anos 30 e mais longe ainda do misticismo latente dos romances de aviação de Saint-Exupéry. No filme de Grémillon, é na terra que está o céu, pois é quando o avião aterra pela última vez que o ato de heroísmo, o ato de ultrapassar-se a si mesmo é realizado. É este lirismo, unido à mais absoluta falta de ostentação "poética", que faz a secreta beleza deste filme, um lirismo que nasce de uma concepção peculiar do realismo, tal como o definia Jean Grémillon (os grifos são dele): "*o «realismo», para mim, é a descoberta daquilo que é sutil, que o olho humano não vê diretamente e que é preciso mostrar, estabelecendo harmonias, relações desconhecidas entre os objectos e os seres (...) e cujo ideal de beleza é a máxima expressividade na máxima ordem*".

Antonio Rodrigues